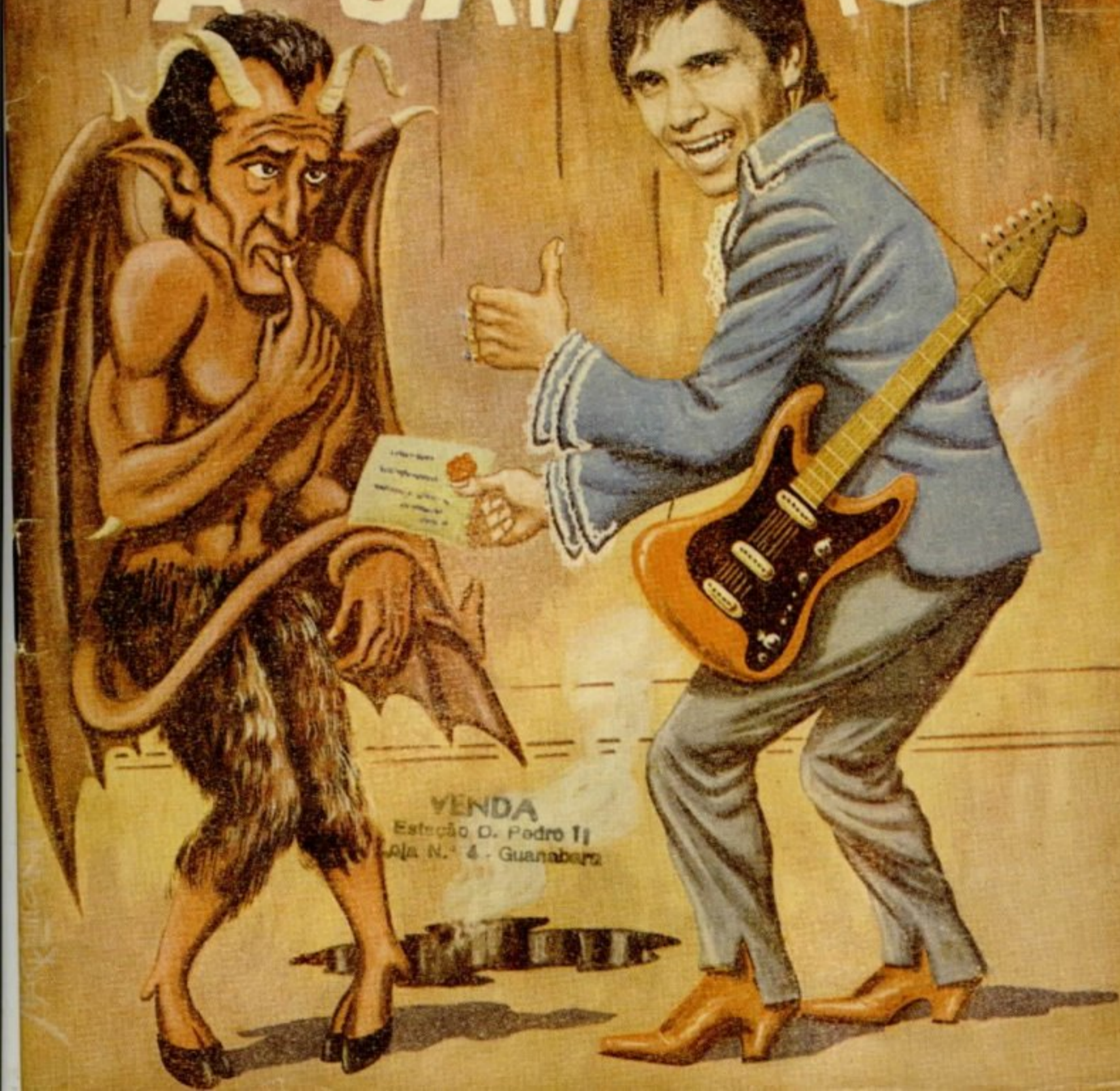


2114

2115

RESPOSTA DE ROBERTO CARLOS A SATANIAS



VENDA
Estação D. Pedro II
Linha N.º 4 - Guanabara

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

2114

2115

CX 0



RESPOSTA DE ROBERTO CARLOS A SATANÁS



O PODER DA CARIDADE

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei na
Biblioteca Nacional



EDITORA

Prelúdio LDA

RUA IPANEMA, 772 — FONE: 93-1374
SAO PAULO-6

**RESPOSTA DE ROBERTO CARLOS
A SATANÁS**



Há dias Roberto Carlos
Do Satanás recebeu
Uma carta onde o Satã
Reclamava um disco seu,
Porém por falta de tempo,
Só agora respondeu.

“Terra, lugar de prazeres,
Meu amigo Satanás,
O que diz na sua carta
Até que me satisfaz
Porque o inferno estourando
No mundo existirá paz.

Você reclama que eu
Mandei tudo para lá
Porém está enganado
Porque aqui ainda há
Muita coisa para ir,
Estou preparando já.

Se o inferno está pequeno,
Faça um maior agora
Porque gente ruim na terra
Aumenta de hora em hora,
No fogo da juventude,
Aqui, “é uma brasa mora!”

A carta pede que eu deixe
De cantar minha canção,
Assim eu teria que
Deixar esta profissão,
E como de hora em diante
Iria ganhar meu pão?

Assim, não posso atendê-lo
Porque minha vida atrasa,
Eu preciso é de progresso,
Lá prepare a sua casa
Para receber os maus
Que eu daqui vou mandar brasa!

Aqui não quero que fique
Um só espírito mau,
Vá preparando um lugar
Para fazer um sarau,
Eu daqui vou enviando
E você lá mêtá o pau!

Veja bem quantos milhões
Estão esperando a morte,
Todos selecionados,
No livro da negra sorte,
Para seguirem viagem,
Só esperando o transporte.

Esse povo que reclama
E fala de cabeludo,
Já contei doze milhões,
Para lá vou mandar tudo,
Não tenha contemplação,
Ponha todos num canudo.

Deixe passar vinte anos
Para que cresçam os pêlos,
Depois mande-os para a terra
Para eu reconhecê-los,
Quero ver êsses carecas
Vestidos com os cabelos.

De homens falsificados
Que parecem mas não são,
Há vinte e quatro milhões
Só esperando avião,
Lá bote todos em tachas
Fervendo com alcatrão.

Todo êsse povo antiquado
Que aborrece o que é moderno,
Cataloguei dois milhões,
Antes do fim do inverno,
Serão todos enviados
Na direção do inferno.

Essas mulheres casadas
Que não querem conceber
E mandam matar os filhos
Que já não podem nascer,
Vão tôdas para as profundas,
Aqui não podem viver.

Também essas môças "vivas"
Que se deixam seduzir
Pelo fogo da folia,
Depois não querem assumir
A responsabilidade,
No inferno vão cair.

Isso porque, muitas delas
Quando pecam, quando erram,
Têm os filhos e matam
Ou mesmo vivos enterram
Em lugares escondidos,
Onde as vidas se encerram.

Tôdas essas, Satanás,
Você precisa atendê-las,
São quase cinco milhões,
Veja se pode moê-las,
Bote fogo na moenda
Para poder derretê-las.

Essa gente que reclama
E tudo no mundo odeia,
Andando de casa em casa,
Falando da vida alheia,
Vão seguir quatro milhões,
Mêta todos na cadeia.

Quem nega o tempo presente,
Em defesa do passado,
Reclamando a carestia,
Com a sorte inconformado,
Não quero que fique um
Sem ser no fogo queimado.

Vão nove milhões de sogras
Que eu já estava esquecido,
Dessas não tem uma só
Que não matasse o marido,
Só comem fogo e enxôfre,
Fel e chumbo derretido.

Dessas as que não mataram
Os genros envenenados,
Mataram as noras de raiva,
Os maridos enforcados,
Até alguns netos foram
No fogo vivos queimados.

Pais tarados que seduzem,
Com instintos desumanos,
As suas filhas menores,
Dois milhões dêsses tiranos,
Ponha-os num tanque de fogo
Para passarem mil anos.

Filhos que desobedecem
Os conselhos de seus pais,
Não estudam nem trabalham,
Só querendo os bacanais,
Tem tantos para mandar
Que nem sei a conta mais.

Quem, quando tem precisão,
Toma dinheiro emprestado
E depois faz-se esquecido,
Ou quando compra fiado,
Vou mandar cinco milhões
Para que faça um guisado.

Essas mães desnaturadas
Que em busca da orgia,
Deixam os filhos sôzinhos
E voltam no outro dia,
Irão um milhão e meio
Para a sua companhia.

Também êsses pais que deixam,
Para jogar e beber,
Os filhos morrendo à fome,
Ponha-os num tanque a ferver
Para que assim você possa
De um a um derreter.

Essas "macacas" de rádio
Que rasgam a roupa da gente,
Deixaram Wanderley nu,
Com o fogo da serpente,
Eu vou mandar dois milhões,
Você lá que as agüente!

Só assim os auditórios
Ficam selecionados
Porque até locutores
Já estão sendo atacados,
Qualquer um dia aparecem
Uns quatro ou cinco rasgados.

Ainda vão para lá
Seis milhões de preguiçosos,
Malandros e vagabundos,
Faladores, invejosos,
Que não querem trabalhar
Porém são gananciosos.

Êsses não querem trabalho,
Andam atrás de emprêgo
"Dar murro"? Deus os defenda,
Só querem paz e sossêgo,
Sombra, água fresca e comida,
Fazendo vez de morcêgo.

Êsses tipos quando vêm
Uma pessoa comprar
Qualquer coisa de valor,
Ficam sem se conformar,
Querem engolir com os olhos,
Só pensam logo em queimar.

Com êsse povo melhora
A sua situação,
Dê emprêgo a quatro ou cinco
Em cada repartição,
E depois mande fazer
Uma planificação.

Você diz que a produção
Aí está deficitária,
É por que não tem coragem?
Faça uma reforma agrária,
Para aumentar a indústria
O comércio e a pecuária.

O inferno é atrasado,
Ainda queima carvão,
Quando o homem aqui na terra
Tem foguete e avião,
Fabrica tudo que quer,
Já muda até coração.

Veja, amigo Satanás,
Se melhora o seu averno,
Porque tudo aqui na terra
É bom, bonito e moderno
E as coisas que não prestam
Vão tôdas para o inferno.

Você continua feio
Com duas pontas na testa,
Uma cauda muito grande,
Como um touro da floresta,
Faça uma operação,
Não use uma peste dessa!

Modifique a sua forma,
Não faça reclamação,
Deixe a juventude em paz,
Não tente o povo cristão,
Porque se assim não fizer
Nunca alcançará perdão.

Agüente firme, não grite,
Porque ninguém lhe socorre,
Mesmo um rei nunca reclama,
Enfrenta a luta e não corre
Não faz papel de covarde,
Se fôr preciso até morre.

Enquanto o mundo fôr mundo
E você fôr Satanás,
Tentador, intrometido,
Criminoso contumaz,
Nem você terá sossêgo
Nem a terra terá paz.

Respondi a sua carta,
Ontem mandei publicar,
Bem sei que lá no inferno
Ela em breve vai chegar
Receba tudo o que é ruim,
Tenho certeza que assim
O mundo vai melhorar''.



2115
MANOEL D'ALMEIDA FILHO

O PODER DA CARIDADE



Quando passou pelo mundo
Jesus o filho de Deus
Mostrou diversos milagres
Salvando os devotos seus
E eu vou mostrar um dêles
Agora nos versos meus.

Havia um pobre caboclo
Num sofrimento penoso
Além da ignorância
Era fraquinho e medroso
Porém tinha uma bondade
Era humano e caridoso.

Vivia com a espôsa
Sem ter riqueza nem nome
Dizia que a caridade
É o pão que o pobre come
Dava esmola a quem pedisse
Embora passasse fome.

Perto ao caboclo morava
Um grande rico moderno
Dizia: — Eu não dou esmola
Nem mesmo ao Pai Eterno
Ele com pobreza e tudo
Vão se estourar no inferno.

Porque eu não acredito
Que Deus ajude ninguém
Se Ele tem fôrça apareça
E mostre o poder que tem
Eu só acredito n'Ele
Quando me fizer um bem.

Porém Alfredo, o caboclo
Não seguia seu partido
Dizia que acreditava
No Messias Prometido
Por isso era caridoso
Com Deus era servido.

Vicente, o capitalista
Respondia: — Oh! Caviloso
Você faça caridade
Que eu vou ser criminoso
Quero ver como se salva
Sem dinheiro um caridoso.

Alfredo então retrucava:
— Não dou valor a dinheiro
Só creio na caridade
Dum coração verdadeiro
Que reconheça na vida
Jesus como timoneiro.

Até que Alfredo um dia
Já vencendo a timidez
Se dirigiu à cidade
Sendo essa a primeira vez
Lá pela sua inocência
À Cristo um convite fêz.

Ele nunca tinha visto
A imagem de Jesus
E quando entrou na igreja
Viu sôbre embaçada luz
Um corpo cheio de sangue
Pregado em uma cruz.

Nisso entrou um conhecido
Ele disse: — Oh! Nicolau
Me diga quem diabo foi
Que teve o gênio tão mau
De pegar aquêle pobre
E pregar naquele pau?

Nicolau lhe disse: — Alfredo
Aquêlc é o Salvador
Jesus filho de Deus vivo
Nosso amado redentor.
Que morreu para salvar
Todo e qualquer pecador.

Alfredo disse: — E quem foi
Que fez aquilo com Êle?
Nicolau disse: — Foi Judas
Que era discípulo d'Êle
O vendeu por trinta pratas
Por não acreditar n'Êle.

Alfredo olhando inda disse:
— Se eu pégasse êsse inimigo
Matava êle três vêzes
Porém Jesus é amigo
Agora vou convidá-lo
Para almoçar comigo.

Triste, inocente, chegou
Perto do santo tremendo
Ajoelhou-se rezando
A Jesus se oferecendo
Na santa concentração
Ouviu o Cristo gemendo.

Levantando os olhos disse:
— Senhor pelo vosso nome
Eu venho vos convidar
Para matar vossa fome
Vamos almoçar comigo
Comida que pobre come?

Ao ver êle Jesus Cristo
Dessa maneira falou:
— Eu aceito o seu convite
Porque precisado estou
Amanhã ao meio-dia
Pode esperar que eu vou.

Alfredo foi para casa
Mandou a mulher matar
Uma galinha que tinha
Para com Cristo almoçar
No outro dia na hora
Começou a esperar.

Com pouco chegou um cego
E pediu uma esmola
Alfredo disse à mulher:
— Tudo a um pobre consola
Dê a êle um pedacinho
Da galinhã, na sacola.

A mulher foi e tirou
Um pedaço da galinha
Quando o ceguinho comeu
Com um pouco de farinha
Agradeceu e saiu
Por uma estrada que tinha.

Daí a poucos minutos
Um aleijado chegou
Tornou a pedir esmola
Alfredo a mulher mandou
Tirar outro pedacinho
Da galinha que matou.

A mulher tornou tirar
Outro bom pedaço e deu
O aleijado sentou-se
E com farinha comeu
Depois deu graças a Deus
E a esmola agradeceu.

Despediu-se e foi saindo
Porém no mesmo momento
Foi chegando outro mendigo
Aleijado e ferido
Cego, sujo, mudo e surdo
Era o rei do sofrimento.

Só fêz estirar a mão
Mostrando a fome que tinha
Alfredo chama a esposa
E disse: — Vá à cozinha
Dê a êste novamente
Um pedaço da galinha.

Disse a mulher: — Dessa forma
Quando o Cristo chegar
Já a galinha acabou-se
Não tem o que se almoçar
Só vou dar a êste agora
A ninguém mais posso dar.

Mas Alfredo respondeu:
— Aqui todo pobre come
Enquanto tiver galinha
Ninguém sairá com fome
Porque o que Deus me deu
Não há na terra quem tome.

Porém não veio mais ninguém
Alfredo não almoçou
Até às quatro da tarde
Por Jesus Cristo esperou
Quando resolveu saber
Porque foi que Êle faltou.

Assim seguiu à cidade
Lá na hora que chegou
Caminhou para a igreja
E entrando avistou
Jesus no mesmo lugar
Quando aí perguntou:

— Senhor por que me enganaste?
Não fôste almoçar na hora
Estou morrendo de fome
Esperei até agora
Vim saber porque não pude
Suportar mais a demora.

Jesus disse: — Eu fui três vêzes
E você mesmo que diga
Tôdas vêzes comi bem
Na sua morada amiga
Gostei da sua comida
Porque enchi a barriga.

Alfredo muito espantado
Disse: — E como eu não vi?
Só mesmo se o Senhor foi
Mas depois que eu saí
Ou foi transformado em outro
Que vi e não conheci?

Jesus repetiu dizendo:
— Lá estive como cego
Outra vez como aleijado
Assim minha cruz carrego
Inda como um ferido
Fui outra vez e não nego.

Alfredo disse: — Eu me lembro
Que mandei a mulher minha
Oferecer três esmolas
De tudo que a gente tinha
Assim o senhor serviu-se
As três vêzes da galinha.

Jesus lhe disse: — É verdade
A caridade compensa
Quando é feita por amor
E do jeito que se pensa
Pelo que você me fez
Eu vou dar-lhe a recompensa.

Ainda hoje você
Quando em casa chegar
Encontrará tanto ouro
Que não tem com que gastar
E daqui até morrer
Não há quem possa acabar.

Alfredo muito contente
Agradeceu soluçando
E saiu com muita pressa
Quando em casa foi entrando
Viu uma ruma de ouro
E a mulher pastorando.

A mulher o vendo disse
Fazendo cara de choro:
— Marido corra depressa
E veja que desadoro
Me diga para que diabo
Nós queremos tanto ouro?

Agora vamos viver
Ricos e passando bem
Porém aqui não se dar
Mais uma esmola a ninguém
Da minha casa não sai
Para mendigo um vintém.

O homem disse: — Mulher
A sua idécia está fora
Agora é que dou esmola
Com fé em Nossa Senhora
Eu dava quando não tinha
Quanto mais que tenho agora.

Na casa que eu governo
Sem comer não sai ninguém
Inda que seja preciso
Eu ir pedir a alguém
Pedirei a quem tiver
Para dar a quem não tem.

Quanto mais que não precisa
Na minha vida opulenta
A riqueza que possuo
Quem deu pode dar noventa
E eu dando a todo mundo
Quanto mais der mais aumenta.

Vá à casa de Vicente
E diga por desafôro
Que me empreste a medida
P'ra eu medir meu tesouro
Porém peço que não diga
Que é para medir ouro.

A mulher correu depressa
Ao rico deu o recado
Porém o capitalista
Ficou impressionado
Disse consigo: — O que é
Que Alfredo tem guardado?

Porém foi ver a medida
Com vontade de sorrir
E passou sabão dum lado
Para poder descobrir
O que era que Alfredo
Tinha que ia medir.

Mas o outro não deu fé
Da trama que o rico fêz
Mediu o ouro, que deu
De medidas, vinte e seis
Depois mandou a mulher
Ir levar com rapidez.

Porém não deu fé que foi
U'a moeda colada
No sabão, nem a mulher
Viu, porque ia vexada
O rico vendo a moeda
Botou o pé na estrada.

Chegou e disse: — Rapaz
Como melhorou de vida?
Onde arranjou tanto ouro
Que precisou de medida?
Foi roubado ou foi "botija"
De alguma alma perdida?

Alfredo que era tólo
Contou o que aconteceu
Só não disse das esmolas
Que aos três mendigos deu
O rico sabendo tudo
Para à cidade correu.

Seguiu dizendo consigo:
— Agora é que fico bem
Jesus deu àquele besta
Que não tinha um só vintém
A mim Ele vai dar ouro
Que dará para encher um trem.

Quando chegou na cidade
Para à igreja marchou
Fêz o convite a Jesus
Da forma que êle pensou
E ao ver êle também
Jesus com gosto aceitou.

De volta chegando em casa
Mandou logo preparar
Um banquete suntuoso
Dois perus mandou matar
Dez galinhas e um boi
Para Jesus almoçar.

Comprou um barril de vinho
Duas caixas de cerveja
E disse: — Quando Jesus
Chegar, precisa que veja
Que na minha casa Ele
Come e bebe o que deseja.

Assim ficou esperando
Que chegasse o Salvador
Quando viu, chegou um-cego
Que lhe pediu com amor:
— Dê-me uma esmola em nome
De nosso Pai Criador.

Vicente ficou danado
Assim que avistou êle
Saiu empurrando o pobre
Botou os cachorros nêle
Os cães saíram rasgando
Tirando pedaços dêle.

O cego saiu às quedas
E os cães no mocotô
Deixando longe, voltaram
Vicente na porta só
Foi chegando um aleijado
Que causava pena e dó.

Disse: — Pelo amor de Deus
Dê-me uma esmola, patrão
Vicente com tôda ira
Den no pobre um empurrão
E estumou os cachorros
Sem a mínima compaixão.

O aleijado correu
Com os cachorros rasgando
Cai aqui, cai acolá
E o bandido estumando
Até que os cães voltaram
Ele estava gargalhando.

Com pouco mais chegou outro
Mendigo todo ferido
Esse nem pediu esmola
Porque o rico bandido
Estumou logo os cachorros
Antes de ouvir o pedido.

Esse saiu novamente
Pelos cães sendo rasgado
Vicente ficou sorrindo
Em ver o pobre chagado
Correr caindo e gemendo
Com o corpo ensangüentado.

Depois disse: Uma esmola
Eu não dou por desafôro
Pobre, cego e aleijado
De mim só recebe "couro"
Só dou comer a Jesus
E é para me dar ouro.

Porém passaram quatro horas
E Jesus não foi chegado
Vicente com muita raiva
Foi à cidade vexado
Saber qual foi o motivo
De Jesus ter lhe faltado.

Chegando lá perguntou
Jesus disse num gemido:
— Eu estive lá três vêzes
Porém não fui atendido
Você botou-me os cachorros
Veja como estou ferido.

Vicente disse: — Esperei-o
Até contando os segundos
Porém só vi três mendigos
Feridentos e imundos
Não creio que o Senhor fôsse
Um daqueles vagabundos.

Jesus disse: — Pois fui eu
Coberto naqueles véus,
Quem fizer bem a um dêles
Não se senta com os réus
É mesmo que estar fazendo
A meu Pai que está nos Céus.

Porém siga para casa
Humilde e resignado
Que encontra a recompensa
Do seu maldito pecado
Mas sofra com paciência
Que um dia será perdoado.

Vicente saiu correndo
Ao chegar foi avistando
O gado correndo doido
O pasto se incendiando
A casa pegando fogo
E tudo seu se acabando.

Só escapou a família
O mais desapareceu
Até o ouro que tinha
No fogo se derreteu
Escravos e animais
O que não fugiu, morreu.

Ele disse: — Não tem nada
Ainda estou à vontade
Foi a Alfredo e vendeu
A sua propriedade
Por três medidas de ouro
E foi morar na cidade.

Ficou em uma pensão
Porém uma certa hora
Entrou um ladrão no quarto
Roubou tudo e foi embora
Bem cedo o dono da casa
Botou-o de porta afora.

Ficou Vicente na rua
No mais tremendo sofrer
Com a mulher e os filhos
Fazia pena se ver
Dormindo pelas calçadas
Pedindo para comer.

Com um ano e poucos meses
Alfredo foi à cidade
E lá encontrou Vicente
Implorando a caridade
Disse: — Dê-me uma esmola
Por nosso Deus de bondade.

Alfredo compadecido
Foi pedir ajoelhado
Para Jesus perdoar
Aquêlê grande pecado
Ouviu uma voz dizer:
— Ele já está perdoado.

Deves agora ajudá-lo
Já que tu confias nêlê
E aquela mesma fazenda
Que já pertenceu a êle
Deves dar-lhe de presente
P'ra ser o arrimo dêle.

Alfredo voltou e disse:
— Jesus já te perdoou
A fazenda que foi tua
Com todo gosto te dou
Podes ir p'ra tomar conta
Teu tormento se acabou.

Vicente tomou um choque
Que caiu numa calçada
Levantou-se inda tombando
Com a fala atrapalhada
Perguntou: — Isso é verdade
Ou estás com caçoada?

Alfredo disse: — Eu não brinco
Estou dizendo a verdade
A fazenda é tua agora
Com tôda propriedade
Receba como presente
Do poder da caridade.

Eu tenho para viver
Ainda duas vivendas
Com casas de aluguel
Dois armazéns e três vendas
Dinheiro, eu tenho que dá
Para comprar dez fazendas.

Vicente com a família
Regressou no mesmo dia
Recebeu sua fazenda
Com tudo que existia
Nunca mais negou esmola
Quando um pobre lhe pedia.

Alfredo pegou Vicente
Levou-o à felicidade
Muito embora que sofresse
Em si, a perversidade
Isto paga quem merece
Deus mostra a quem não conhece
A força da caridade.

VOCÊ DEVE LER?!

O mundo moderno oferece novos veículos de educação. O rádio e a televisão levam aos mais distantes recantos do mundo, sons e imagens de todos os acontecimentos.

Mas a pedra básica da educação ainda repousa sobre os livros. São os melhores amigos. Qualquer livro bom. Qualquer leitura sadia. Tanto uma obra filosófica, pesada e grandiosa como a simples literatura em versos.

A literatura em versos, ou literatura de cordel, é a que mais encontra penetração, por ser mais suave, mais fácil de assimilar e mais gostosa de ser lida, pois ela nasce da alma do povo. Nela, além das idéias, encontramos o embalo dos versos e o éco das rimas. Seus autores são homens simples, que refletem no trabalho o sabor inconfundível da vida e da poesia que existe nos temas mais belos, por vêzes até mesmo ingênuos. São livros preciosísimos que podem alegrar qualquer tipo de espírito.

Por isso, não nos custa ler mais e mais. Ler sempre para alimentar o que temos de precioso: aquilo que é a verdadeira essência do ser humano: o espírito.

Nas páginas dos livros desfilam paisagens bem descritas, situações maravilhosas, tesouros infinitos de conhecimento, variedades incalculáveis de novas palavras e ensinamentos essenciais. Os únicos monumentos que o tempo não consegue destruir nem corroer são os construídos pela mente humana. São os feitos com o espírito. O ferro, o mármore e o bronze desgastam-se com o passar dos séculos. Mas há um atualismo indestrutível em tudo que foi construído com o espírito, com o material eterno das idéias. Por isso, um dos nossos grandes poetas, Castro Alves, recomendou num dos seus mais empolgantes poemas:

"Ah! Bendito quem semeia
Livros, livros a mancheias
e faz o povo pensar.
O livro caindo na alma
É fôlha que faz a palma,
é chuva que faz o mar."

7514

DE F



Peça a seu vendedor ou a EDITORA PRELUDIO LTDA.
Rua Ipanema, 772 — São Paulo-6

SNB